

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Querer fazer o mal parece algo inerente à
condição humana [To want to do evil seems to
be something inherent in the human condition]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 00:09:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161793

“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”

O caso de Hitler e o nazismo está ligado a uma ordem da paranóia que comanda uma montagem perversa, acredita o filósofo e psicanalista Mário Fleig. Ele afirma que é preciso que nos perguntemos o que produz o ódio ao outro

POR MÁRCIA JUNGES

O psicanalista e filósofo Mário Fleig, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, afirma que a norma no nazismo estaria “na negação de qualquer diferença, a começar pela afirmação de uma única raça pura, e a proposta de um único Reich para toda a humanidade”. Segundo Fleig, “de modo diferente do que aparece no discurso perverso, creio que o caso de Hitler e do nazismo siga uma lógica um pouco diferente. Tenho mais a tendência de ver no fenômeno do nazismo algo da ordem da paranóia que comanda uma montagem perversa”. Outra idéia desenvolvida na entrevista a seguir é que “querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana. Precisaríamos nos perguntar o que produz o ódio ao outro e qual é o futuro de nosso futuro do ódio. A partir disso, por que os modos de recalçamento do ódio têm sido tão ineficientes na contemporaneidade?”.

Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela UFRGS, doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França.

IHU On-Line - Segundo a obra mais recente de Elizabeth Roudinesco, *A parte obscura de nós mesmos*, “perversão é gozar com o mal”. Hitler seria, então, o exemplo mais completo do perverso? Nesse sentido, perversão e perversidade seriam sinônimos?

Mário Fleig - Ainda não tive oportunidade de ler o livro da historiadora E. Roudinesco.¹ Contudo, segundo as

1 Elizabeth Roudinesco: psicanalista e escritora francesa, aluna e companheira intelectual de Michel de Certeau. Entre suas obras publicadas em português, citamos *História da psicanálise na França* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989), *Dicionário de psicanálise* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998) e *Por que a psicanálise?* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000). A IHU On-Line dedicou a edição 58, de 05-05-2003, intitulada *A família em desordem*, repercutindo o livro de nome idêntico, escrito por Roudinesco e traduzido para o português pela Jorge Zahar Editora, em 2003. No origi-

nal, o livro foi publicado sob o título *La famille en désordre* (Paris: Fayard, 2002). A escritora concedeu entrevista à IHU On-Line, na edição 179, sobre o pensamento de Sigmund Freud, de 08-05-2006 com o título “O pensador das luzes escuras”. Na edição 186, de 26 de junho de 2006, publicamos o artigo “Michel de Certeau ou a erotização da história, escritor por Roudinesco” à IHU On-Line. O site do IHU (www.unisinos.br/ihu), deu amplo destaque ao seu livro, recém-lançado, *A parte obscura de nós mesmos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008). (Nota da IHU On-Line)

2 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, aban-

introduz em seu texto, de 1905, “Três ensaios para uma teoria da sexualidade”, entre tendências perversas que já aparecem precocemente na infância (ele se refere à criança como perversa polimorfa) e o perverso em

donando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006, intitulada *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

sentido estrito. Fazer o mal para o outro ou para si mesmo não é um privilégio do perverso, ainda que isso seja o traço mais relevante de seu modo de agir, como podemos encontrar nos personagens sadeanos. Estes não se contentam em apenas fazer o mal ao outro por meio de suplícios que levam à morte, mas querem mais, querem perpetrar a segunda morte, que implica a destruição de todos os atributos de valor da pessoa, ou seja, realizar a morte do sujeito. Contudo, no caso de Hitler e o nazismo, não me parece que a lógica que organiza a solução final seja simplesmente uma lógica perversa. Considerando as descrições do discurso perverso na literatura, como em Sade³ ou Choderlos de Laclos,⁴ não me parece que esta, no horizonte do perverso, funda uma nova ordem social. O sujeito perverso se apresenta muito mais como o esperto, alguém animado por uma inteligência brilhante e que faz a denúncia da lei para transpô-la, a fim de que o desejo possa ser realizado até seus últimos limites, onde se encontra a pretensão do mal absoluto. O perverso nos fascina porque se apresenta como tendo o saber e os instrumentos para realizar os desejos e obter um gozo pleno. Além disso, o perverso ilustra que transgredir a lei não terá nenhuma consequência particular sobre ele, ou seja, supõe em uma posição de impunidade. Essa posição de impunidade revela o tipo de lógica que o guia: os termos opostos em uma antítese se equivalem, de modo que se pode passar do sim para o não e vice-versa ao bel prazer. De modo diferente do que aparece no discurso perverso, creio que o caso de Hitler e do nazismo siga uma lógica um pouco

3 Marquês de Sade (1740-1814): aristocrata francês e escritor marcado pela pornografia violenta e pelo desprezo dos valores religiosos e morais. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava em um hospício, encarcerado por causa de seus escritos e de seu comportamento. De seu nome, surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. (Nota da IHU On-Line)

4 Pierre-Ambroise-François Choderlos de Laclos (1741-1813): escritor, além de oficial e general do exército francês. *As relações perigosas (Les Liaisons dangereuses)* é seu mais famoso romance. (Nota da IHU On-Line)

diferente. Tenho mais a tendência de ver no fenômeno do nazismo algo da ordem da *paranóia* que comanda uma *montagem perversa*.

Assim, passo a introduzir essas duas noções a mais para situar fenômenos sociais e subjetivos semelhantes ao do nazismo. A montagem perversa não requer um sujeito organizado positivamente na perversão, mas sim que se tenha o dispositivo operado de tal modo que os lugares sejam ocupados por sujeitos que podem ser gente comum, neuróticos que, fora do funcionamento do dispositivo, nada têm de perverso. Um dispositivo desse tipo pode ser desencadeado perfeitamente por um paranóico, que se arvora em profeta de uma promessa de gozo pleno e coloca tanta certeza em sua miragem que convoca de modo irrecusável a multidão, que o segue sem crítica. Um dispositivo de tal ordem é potencializado pelos meios técnicos que a ciência moderna nos disponibiliza. Sabemos que, sem sistemas de transporte, armazenamento e informação eficientes, a solução final não teria sido possível. A montagem perversa passa a ser um fato corrente na Modernidade, mas, quando encontra um paranóico, dotado da inteligência para o sistema que lhe é própria, os efeitos sociais e subjetivos são de extraordinária monta, se comparados ao que pode produzir de mal um perverso em sentido estrito. Dito isso, penso que não se pode colocar na conta do sujeito perverso fenômenos como o nazismo, pois isso seria fazer um mau uso da especificidade do conceito, considerando-o a partir da teoria psicanalítica.

Quanto ao uso do termo perversidade, tenho minhas restrições, em função de considerar a perversão como fazendo parte das potencialidades da condição humana, e não como constituindo o dado de natureza. A substantivação de uma formação discursiva na desinência *perversidade* pode nos induzir a pensar que se trata de algo inerente a uma suposta natureza eterna. O biologicismo já faz isso de forma explícita, ao querer encontrar no genoma a causa exclusiva de comportamentos socialmente repulsivos, sem considerar as incidências históricas, sociais, familiares e individuais.

IHU On-Line - Podemos entender os totalitarismos como o nazismo como perversões? Por quê?

Mário Fleig - Considerando o que propus acima, vejo os totalitarismos muito mais algo da ordem dos efeitos sociais da paranóia, dados os elementos específicos que a compõe: redução de todos os furos a um único furo que então é tamponado pelo perseguidor, que passa a ser o objeto a ser combatido. Esse procedimento se chama sistema, no qual tudo o que possa representar diferença, discordância etc. é reduzido ao estatuto do perseguidor único, que dever ser colocado fora do sistema e destruído. No caso do nazismo, a ideologia racista pode ser perfeitamente lida à luz dessa operação de segregação, que se desdobra em uma lógica infernal, tendo por objetivo a purificação e limpeza. A convocação de sujeito nem perverso nem paranóico para tomar parte nesse sistema já foi há muito tempo elucidada por Freud a respeito das formações de grupo e massas. A promessa de que há um pai protetor e a aparência de consistência da ideologia veiculado pela certeza do agente paranóico são fatores determinantes para angariar adeptos dispostos a tudo entregar para tomar parte no dispositivo.

Charles Melman,⁵ em seu seminário na Unisinos em maio do ano passado, “Como alguém se torna paranóico?” (Porto Alegre, CMC, 2008), elucidando os detalhes da lógica paranóica, nos mostrou como a paranóia se introduz facilmente no cotidiano, bastando que as condições de segregação não encontrem uma clara oposição e que alguém se coloque no lugar da exceção que trataria a salvação contra o desconhecido perseguidor.

5 Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, Melman esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências “Como alguém se torna paranóico? De Schereber a nossos dias”, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Foi o conferencista de abertura do *Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*, em 21-05-2007, quando falou sobre “O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Desafios e perspectivas”. A conferência será publicada em livro que está no prelo. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - É possível afirmarmos que no nazismo a perversidade se converteu na norma?

Mário Fleig - A norma no nazismo estaria, penso eu, na negação de qualquer diferença, a começar pela afirmação de uma única raça pura, e a proposta de um único Reich para toda a humanidade. A norma, nesse caso, é a afirmação constante de apenas e somente um Um. Isso que significa o sistema exacerbado, que tem a pretensão de conter tudo, inclusive a si mesmo. É a imanência plena e completa. Por isso é que a dimensão da alteridade não tem lugar em tal sistema e, em decorrência, desaparece o pensamento, se o considerarmos como a operação da diferença ou da polêmica, como já propunha Heráclito⁶, por meio do *polemos*.

IHU On-Line - Como podemos entender que, enquanto algumas pessoas pensam no mal e não o executam, outras o concretizam em campos de extermínio, por exemplo? Somos todos um pouco perversos?

Mário Fleig - Quando não conseguimos ver claramente um fato social, talvez seja porque, de algum modo, fazemos parte dele. Parece que assim se passa com a perversão, pois temos indícios de que o funcionamento social hoje certamente é muito mais regido pela perversão, isto é, a recusa em fazer da subjetividade daquele com quem lidamos o menor entrave ao exercício de um poder ou de um gozo, não importando o fato de que ele exista. O que importa é que ele realize sua tarefa e isso sem nenhum limite, sem nenhuma barreira, sem nenhuma fronteira. Esse tipo de dispositivo parece fazer parte de nossa organização social, ao ponto de que não sabemos muito bem de que modo estamos imerso na perversão. Ou seja, os funcionamentos perversos tende a passar por normais e o questionamento que alguém possa levantar é visto como inconveniente. O império do politicamente correto, que estaria dentro da lógica da perversão comum que perpassa nossa cultura, determina que qualquer discordância àquilo que

é suposto aprovado pelo consenso seja mal visto e reprovado.

Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana. Precisáramos nos perguntar o que produz o ódio ao outro e qual é o futuro de nosso futuro do ódio. A partir disso, por que os modos de recalçamento do ódio têm sido tão ineficientes na contemporaneidade?

IHU On-Line - Como caracterizaria o tipo psicológico de Hitler?

Mário Fleig - Não creio que seja algo produtivo fazer a psicologia de figuras públicas, ainda menos de Hitler. Penso que seja mais produtivo prestar atenção ao que se manifesta no discurso. Ressalto um elemento no caso de Hitler, que contraria a hipótese de se tratar alguém situado na perversão: a insistência em ocupar o lugar de exceção em nome próprio. Sabemos que o perverso tende a agir sempre fazendo uso do outro, especialmente de seu nome. O célebre “Burlador de Sevilha”, de Tirso de Molina, o *Don Juan*, costumava realizar suas conquistas se apresentando no lugar e em nome de outro. Não é o caso deste senhor que exigia que todos declarassem incesantemente: *Heil Hitler*.

IHU On-Line - Como é possível compreender a adesão dos intelectuais ao nacional-socialismo? Nesse contexto, como se situa Heidegger e sua filosofia?

Mário Fleig - Acredito que uma posição intelectual não implica necessariamente uma proteção contra o totalitarismo, a segregação e a maldade. Os intelectuais estão tão sujeitos a serem seduzidos pelas promessas perversas e paranóicas quanto o homem comum. Heidegger certamente não soube identificar os sinais de maldade que já se descortinava na proposta política nazista. Por que não conseguiu ou por que caiu na sedução que lhe prometia uma radical renovação da universidade? É uma pergunta que teria de buscar respostas dentro do pensamento do filósofo, assim como examinar a oposição à ideologia nazista posterior à renúncia ao posto de reitor da Universidade de Freiburg. Poderíamos levantar a hipótese de que o pensa-

mento veiculado em sua obra principal *Ser e tempo* (1927) estava excessivamente centrado na perspectiva da subjetividade, sem suporte para a crítica dos fenômenos sociais. É após sua renúncia ao lugar político dentro da administração nazista que Heidegger inicia a elaboração dos fundamentos da crítica ao império da técnica e ao discurso objetivante calcado na raça. Não concordo com seus críticos que fazem uma equiparação injustificada entre sua filosofia e o nazismo. Bem pelo contrário, se Heidegger tivesse se ancorado de modo mais firme do que já fizera em seu antecessor, Kierkegaard,⁷ propulsor incansável do valor do indivíduo contra o sistema, talvez não tivesse se enleado tão desastrosamente na teia paranóica nazista. Sugiro, para esse debate atual, a lúcida discussão de vários colegas franceses em Heidegger, à plus forte raison (Paris: Fayard, 2007).

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mário Fleig. Acesse nossa página eletrônica WWW.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Edição número 150, de 08-08-2005;

* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização*. Edição número 179, de 08-05-2006;

* *O declínio da responsabilidade*. Edição número 185, de 19-06-2006;

* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral*. Edição número 220, de 21-05-2007.

7 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da IHU Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Heráclito de Éfeso (540 a. C. -470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). (Nota da IHU On-Line)